

## 10. Conclusão Geral

Tendo como ponto de partida o princípio hermenêutico da opção pelos pobres pôde-se compreender Jesus Cristo como Servo de Deus analisado no segundo capítulo a partir dos escritos neotestamentários. Destarte, vê-se Jesus com a consciência de ser Ele o Servo de Deus ao afirmar: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20, 28) bem como toda a Igreja primitiva seguindo os seus passos não somente aplicou o título a Ele como vivia a experiência de ser ela igualmente serva porque participante da vida de Jesus como Servo de Deus. Isto conforme o próprio evangelho: “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo” (Mt 20, 26-27).

Os evangelhos sinóticos destacam este título de Jesus, pois quando descrevem as cenas do batismo e da transfiguração, remontam à voz divina sobre o Servo no Dêutero-Isaías: “Este é meu Filho amado, em quem me comprazo”<sup>995</sup>. Os primeiros cristãos viram em Jesus o Servo de Deus profetizado por Isaías. Isso é notório nos sinóticos quando se repetem literalmente parte do primeiro poema do Servo de Iahweh (Is 42,1-4), em (Mt 12,18-21). A parábola dos vinhateiros homicidas, na versão mateana (Mt 21, 33-46) e na versão lucana (Lc 20, 9-19) deixa claro o envio dos profetas e do Filho de Deus com seus destinos em conformidade com o Dêutero-Isaías (Is 52,12-53,13). Nos Atos dos Apóstolos, nos discursos de Pedro aos “Homens de Israel”, fala quatro vezes em Jesus como Servo de Deus<sup>996</sup>.

Em outros documentos escriturísticos e eclesiais primitivos, são encontrados registros importantes do título Servo de Deus aplicado a Jesus nas suas liturgias, principalmente na ceia do Senhor. No final do primeiro século, surge o Evangelho de João e nele não há a descrição da instituição da eucaristia na última ceia, mas ao invés, o lava-pés, serviço de servo. Na literatura paulina, em especial, a Carta aos Filipenses, há forte teologia sobre Jesus como Servo. Na *Didaqué*, o catecismo dos primeiros cristãos, recomenda-se na celebração da ceia do Senhor que o presidente da ceia deve pronunciar sobre o cálice e sobre o pão,

---

<sup>995</sup> Cf.: Mc 1, 11; Mt 3, 17; Lc 3, 22.

<sup>996</sup> Cf.: At 3, 13-15; 26.29; 4, 27.30.

as palavras afirmando ser Jesus o Servo: “Digam primeiro sobre o cálice: ‘Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste por meio do teu servo Jesus<sup>997</sup>’”. São Clemente romano ao falar da celebração eucarística se expressa diversas vezes da seguinte forma: “por Jesus Cristo, teu servo muito amado<sup>998</sup>”. Também nas controvérsias cristológicas da Igreja primitiva, no tomo de Leão, bispo de Roma, (449 d. C.), sobre a encarnação do Verbo de Deus, há dois relevantes registros de Jesus como Servo de Deus<sup>999</sup>. O ressurgimento da cristologia de Jesus como Servo de Deus tem possibilitado um novo seguimento de Jesus e formando um novo modelo de Igreja-serva de Deus. Como se viu, no decurso desta tese, há duas afirmações em relevo: a primeira o pronunciamento de João XXIII como já citado no corpo deste trabalho: “para os países subdesenvolvidos a Igreja apresenta-se como é e como quer ser, como Igreja de todos, e em particular como Igreja dos pobres<sup>1000</sup>” e a segunda a afirmação conciliar de que “a Igreja é Povo de Deus<sup>1001</sup>”. A partir disso, precisou-se repensar a cristologia<sup>1002</sup> bem como os títulos aplicados a Jesus, e um deles de suma importância é o de Servo de Deus.

Na América Latina, as Conferências dos Bispos em Medellín (1968) e Puebla (1979), possibilitaram aos teólogos uma produção imensa permitindo uma nova práxis teológica. Ora, estas afirmações dogmáticas sobre a Igreja traduzem um novo modelo eclesiológico de participação e comunhão<sup>1003</sup> e não pode haver uma concepção nova sobre a Igreja se não houver uma forte cristologia dando-lhe sustentáculo, mesmo latentemente<sup>1004</sup>. Os padres conciliares e os teólogos possuíam novas concepções cristológicas, as quais possibilitaram fazer tais

<sup>997</sup> Didaqué, IX, 2-3.

<sup>998</sup> CULLMANN, O. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Custom, 2004, p.104.

<sup>999</sup> DH, 93-294. Veja-se também: BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo, ASTE, 2001, n.75, p. 99.

<sup>1000</sup> ALBERIGO, G. (Coord.). *História do Concílio Vaticano II*. V.2. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 192-194.

<sup>1001</sup> Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 9: Igreja-povo-de-Deus. Com essa afirmação dogmática se possibilitou toda a mudança eclesiológica da Igreja no mundo e de modo especial em nosso continente.

<sup>1002</sup> QUEIRUGA, A. T. *Repensar a Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 9s.

<sup>1003</sup> Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 31-32. Vê-se que a Participação e a Comunhão são grandes temáticas do Concílio, as quais foram assumidas com grande empenho na Conferência de Puebla e nos documentos e ação pastoral das Conferências dos Bispos Latino-americanos bem como desenvolvidas pelos teólogos latino-americanos.

<sup>1004</sup> MANZATTO, A. O paradigma cristológico do Vaticano II e suas incidências na Cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Coord.). *Concílio Vaticano II, análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 208.

afirmações. Com essa eclesiologia do Vaticano II, rasgaram-se novos horizontes, em especial, na cristologia.

A partir da eclesiologia e da cristologia do Vaticano II incidindo na Igreja da América Latina fez surgir a Cristologia da Libertação. Inicialmente, Leonardo Boff em seu livro: *Jesus Cristo Libertador* e, posteriormente, Jon Sobrino com sua obra cristológica, começando com o livro *Cristologia a partir da América Latina* e outros que se sucederam. Pois bem, tendo presente essa realidade eclesial, do Concílio até hoje, continuam sendo geradas novas cristologias, muitas vezes, umas de avanços e outras de recuos. Neste contexto, precisa-se desenvolver de forma mais acurada, mesmo já havendo vários estudos, uma cristologia do Servo de Deus alicerçada no modelo de Igreja povo de Deus e mais particularmente, na Igreja dos pobres<sup>1005</sup>. E esta Cristologia há de ter Jesus-servo de Deus como fundamental. Oscar Cullmann, no seu livro “Cristologia do Novo Testamento”, afirma ser o título Jesus, o Servo de Deus, o centro da Cristologia do Novo Testamento além de ser um dos mais primitivos aplicados a Jesus<sup>1006</sup> - possivelmente o segundo depois do “nazareno<sup>1007</sup>”. E este parece ser mais uma naturalidade cidadã geográfica de Jesus, pois ele viveu em Nazaré da Galileia, por isso, chamavam-no de “nazareno”.

Aqui no Brasil há várias publicações sobre Jesus-Servo. Carlos Mesters escreveu em 1981, para as Comunidades Eclesiais de Base, um estudo bíblico sobre os quatro cantos do servo, com o tema: ‘A missão do povo que sofre’, correlacionando o povo sofredor com Jesus crucificado<sup>1008</sup>. Notadamente, o povo oprimido possui uma profunda fé em Jesus, este crucificado, por isso, há uma identificação mística entre o povo sofredor e Jesus-servo. Também um estudo profundo e bem acurado é o de Odilo Scherer com sua tese doutoral, publicada com o título: *O justo sofredor*<sup>1009</sup>. Com o cristólogo hispano-salvadorenho Jon Sobrino nota-se uma progressiva cristologia do Jesus como Servo de Deus. De antemão, percebe-se seu empenho em defender ser o Servo de Deus, Jesus<sup>1010</sup>,

<sup>1005</sup> COMBLIN, J. *O povo de Deus*, op. cit., p. 238ss.

<sup>1006</sup> CULLMANN, O. *Cristologia do Novo Testamento*, op. cit., p. 75.

<sup>1007</sup> BOFF, L. *Cristologia a partir do Nazareno*, op. cit., p. 30ss.

<sup>1008</sup> MESTERS, C. *A missão do povo que sofre*, op. cit., p. 19; 129ss.

<sup>1009</sup> SCHERER, O. P. “*Justo Sofredor*”. São Paulo: Loyola, 1995.

<sup>1010</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, op. cit., p. 271-277.

mas também pode ser o povo<sup>1011</sup>, bem como os profetas-mártires<sup>1012</sup> da América Latina. Neste sentido, observa-se o quanto Jon Sobrino faz sua Cristologia a partir da realidade latino-americana quando reflete teologicamente sobre este título aplicando-o a Jesus, ao povo oprimido e aos mártires. Usaram-se as três dimensões formando um triângulo: Jesus-servo/profetas-mártires/povos-crucificados. Claramente se partiu de Jesus como Servo de Deus. Estas dimensões não se separam, estão dinamicamente interrelacionadas, pois o povo sofredor é um povo de fé em Jesus e os mártires assumem seu martírio pela causa de Jesus, pela defesa dos pobres e pela construção do Reino de Deus. Nota-se também a evidência dos mártires latino-americanos pela causa do Evangelho: Dom Oscar Romero, arcebispo de *El Salvador*, assassinado em 24 de março de 1980.

Ressaltou-se o ressurgimento de uma nova imagem, a partir do Vaticano II, na Igreja dos pobres em relação aos novos ministérios. Afirma Leonardo Boff ser a Igreja popular toda ela ministerial. Reflete sobre os ministérios da Igreja povo de Deus e aqui na América Latina como uma Igreja popular<sup>1013</sup>. Ora, para se chegar a uma Igreja toda ela ministerial, precisa-se de uma compreensão sobre Jesus como Servo de Deus. Quando se utilizam as ideias culturais sobre Jesus, tais como o Cristo medieval da escolástica - *pantocrator*- Senhor de uma Igreja e de um mundo hierarquizado, não se poderá compreender uma Igreja povo de Deus toda ela ministerial. Porém, quando se usa a imagem simbólica de Jesus-servo de Deus, forma-se uma Igreja toda ela ministerial, com relações de fraternidade, portanto de igualdade, onde se possa pôr em prática a comunhão e a participação, hoje, acrescenta-se missão, conforme o documento de Aparecida: “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque encontra sua origem na missão do Filho e do Espírito, segundo o desígnio do Pai. Por isso, o impulso missionário que a Igreja da América Latina deseja ter é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos<sup>1014</sup>”.

<sup>1011</sup> Id. Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: Vozes, n.232, p. 117-127, 1990.

<sup>1012</sup> Id. Los mártires jesuánicos en el tercer mundo. *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 16, v. 48, p. 237-255, [dez.]1999.

<sup>1013</sup> BOFF, L. *Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*. Campinas: Verus, 2004, p. 109-119. Boff em toda sua eclesiologia defende uma Igreja popular, desde o livro *Carisma e poder* até esse mais recente. Defende que a Igreja popular é toda ela: ministerial, servicial.

<sup>1014</sup> Documento de Aparecida, n. 278-279.

Com o surgimento desse modelo de Igreja, pode-se notar o surgimento de uma realidade puramente evangélica, a igualdade das relações entre seus membros possuindo os diferentes ministérios, pois é a realidade presencial do Espírito Santo na Igreja (Rm 12; 1Cor 12). Essa igualdade nas relações é de suma relevância para a fraternidade cristã, a qual se manifesta mediante o diálogo. Somente redescobrimo Jesus, o Servo de Deus, será possível compreender uma Igreja Povo de Deus, a caminho, em participação mediante o diálogo e comunhão. Num continente onde a maioria é empobrecida a realidade desse empobrecimento já se constitui uma “injustiça institucionalizada”<sup>1015</sup>. Assim asseveraram as conferências de Medellín e Puebla e como se vê ainda hoje com todas as mudanças de sistemas governamentais dos países, a realidade de pobreza, em muitos aspectos, continua a mesma ou até pior como constata o documento da CNBB sobre a Evangelização e Missão profética da Igreja<sup>1016</sup>. É claro ser uma realidade histórica um tanto mais diferente dos tempos dos documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo; entretanto, a situação dos empobrecidos se complexificou. A violência institucional dos estados ditatoriais cessou sobre os povos. Contudo, no meio dos pobres a violência aumentou por causa da situação econômico-social de injustiças gerando mais violências e em muitas metrópoles com um poder paralelo ao do estado<sup>1017</sup>.

Destarte, a Cristologia da Libertação defendida nesta tese foi a de Jesus Servo de Deus na perspectiva de Jon Sobrino. Este não pensa Jesus isoladamente, mas sempre em correlação como os povos-crucificados e os profetas-mártires da América Latina inspirando-se em mediações cristológicas como a perspectiva de Karl Rahner<sup>1018</sup>, de Jürgen Moltmann<sup>1019</sup> e de Ignacio Ellacuría<sup>1020</sup>. Esses grandes teólogos se asseguram com bases teológicas correlacionais<sup>1021</sup> entre Jesus Servo de Deus, os profetas-mártires e os povos-crucificados para reconfigurar a Cristologia da Libertação como pensamento e práxis, em interconexões com as

<sup>1015</sup> Documentos do CELAM: Medellín, n. 1: “Essa miséria, como fato coletivo, qualifica-se de injustiça que clama aos céus”, n. 14, sobre a “pobreza da Igreja”. Puebla, n. 31-39: fala da situação extrema pobreza generalizada, a qual adquire, na vida real, feições sofredoras de Cristo, o Senhor.

<sup>1016</sup> Documentos da CNBB, n. 80. *Evangelização e missão profética da Igreja*, p. 74ss.

<sup>1017</sup> Documentos da CNBB: Campanha da Fraternidade de 2009.

<sup>1018</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 145-212: “O homem é evento de absoluta, livre, gratuita e indulgente autocomunicação de Deus”.

<sup>1019</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, op. cit., capítulo IV.

<sup>1020</sup> ELLACURIA, I.; SOBRINO, J. (Org.). *Mysterium Liberationis*, op. cit., p. 189-216.

<sup>1021</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, op. cit. Lembre-se que o Método de Correlação é típico de toda a Teologia e Cristologia de Paul Tillich. Veja-se nesta obra, p. 74ss.

realidades da Igreja e do mundo. Finalizando esta conclusão em quatro dimensões as quais abrirão horizontes no seguimento missionário de Jesus aqui nesta realidade latino-americana conforme Jon Sobrino:

A primeira “significa *encarnar-se* e chegar a ser carne real na história real<sup>1022</sup>”. Entende-se encarnar-se na “carne real” da “história real”. Jesus, o *Logos* se fez carne (Jo 1, 14) e conforme esta hermenêutica assumiu o mais débil humano e o mais aviltado conforme o hino da Carta aos Filipenses: a condição de escravo (*doúlos*) (Fl 2, 7). Assim quando se reporta ao Jesus histórico se vê nascendo numa família humilde, pois ele é um pobre marginalizado<sup>1023</sup> vivendo como camponês aldeão na pequena Nazaré da Galileia<sup>1024</sup> região desprezada em Israel, da qual não saía profetas (Jo 7, 52). Em se tratando do Mistério da encarnação, Jesus assumiu a humanidade mais cadente, a história mais excluída e a morte mais desprezível considerada uma maldição (Dt 21, 22-23). E a morte de cruz para Jesus é o ápice supremo e a condição maior de seu esvaziamento, por isso a encarnação é assumir a “carne real”, ser humano mais aviltado e a “história real” mais marginalizada, injusta e humilde para solidariamente lutar por uma libertação em todas as suas dimensões projetando-se para a transcendência da salvação de vida eterna (Jo 10, 10). Esta é a dimensão vocacional de Jesus como Servo de Deus e de todos os seus seguidores sejam eles profetas-mártires sejam os povos-crucificados ganha sentido por causa de Jesus.

A segunda “significa *levar a cabo* uma missão, anunciar a boa notícia do Reino de Deus, iniciá-lo com sinais de todo tipo e denunciar a espantosa realidade de anti-reino<sup>1025</sup>”. Esta é a dimensão da missão de Jesus como Servo de Deus assim como dos profetas-mártires e dos povos-crucificados anunciar a boa notícia do Reino de Deus pelos testemunhos e palavras dos sinais do Reino dentro de um mundo de contra-testemunho. Por isso, a missão é profética de denunciar a maldade individual e coletiva do anti-reino.

A terceira “significa *carregar o pecado do mundo*, sem ficar somente olhando-o de fora – pecado, certamente, que continua mostrando sua força no fato

<sup>1022</sup> SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 137.

<sup>1023</sup> GONZÁLEZ FAUS, J. I. *La humanidad nueva*, op. cit., p. 83ss.

<sup>1024</sup> PUIG, A. *Jesus: uma biografia*. Lisboa: Paulus, 2006, p. 67ss.

<sup>1025</sup> SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*, op. cit., p. 139.

de causar morte a milhões de seres humanos<sup>1026</sup>. Esta é a dimensão é a do destino de “solidariedade-substitutiva” tanto no sofrimento quanto no avocar a morte para ser redentora, pois Jesus sendo Deus assumiu tanto a vida quanto a história humanas e com este gesto proporcionou a redenção salvífica.

E por fim, a quarta, “significa, finalmente, *ressuscitar*, tendo e dando aos outros, vida, esperança e alegria<sup>1027</sup>”. Esta última dimensão completa a dimensional do Servo de Deus em quatro perspectivas com já se viu anteriormente: individual, coletiva, mista e messiânica<sup>1028</sup>. É a dimensão de ressurreição, portanto, de glória do Servo, a qual dentro da perspectiva das quatro interpretações, pode-se afirmar, acertadamente, ser Jesus com seus seguidores missionários, os profetas-mártires e os povos-crucificados num entrelaçamento integrativo.

“Caminho se faz caminhando” afirma o poeta argentino Machado. Foi o que se tentou nestas três partes com oito capítulos desta tese doutoral. Fazer um caminho abrindo caminhos. Em alguns momentos se palmilhou por sendas já abertas por tantos outros em longas tradições. Ao final desta tese se pergunta: O que existe de novo? Uma primeira novidade é *teimosia* em manter a esperança e a perseverança no pensamento, onde muitos, hodiernamente, afirmam não ter mais sentido, facilmente desembocando numa literatura puramente de auto-ajuda quando não alienante. E a segunda novidade é insistir na *ousadia* de um pensamento a partir dos empobrecidos latino-americanos buscando sempre manter a identidade de um pensamento ainda em gestação - a Teologia de Libertação - e por terceira novidade é *Cristologia correlacional transcendental* de Jon Sobrino quando ele não somente pensa como também vive da mística a partir de Jesus um empobrecido feito vítima pelos homens e pelos sistemas regentes do mundo associando-o aos profetas-mártires e aos povos-crucificados, entretanto, dentro de um paradigma correlacional de um “sempre mais” histórico e transhistórico, por isso, diz-se aqui “*Cristologia correlacional transcendental*”, termo oriundo de uma experiência de missão com os empobrecidos latino-americanos, mas tendo como mediação cristológica grandes teólogos do século XX dentre os quais se

<sup>1026</sup> SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*, op. cit., p.

<sup>1027</sup> SOBRINO, J. *O princípio misericórdia*, op. cit., p. 31.

<sup>1028</sup> SCHÖCHEL, L. A. *Profetas I*, op. cit., p.278.

destacam Jürgen Moltmann com sua Cristologia e Soteriologia correlacionais<sup>1029</sup> e com Karl Rahner com sua Cristologia Transcendental<sup>1030</sup> e Paul Tillich com seu método de correlação<sup>1031</sup>.

Por fim, duas críticas somente, não negativas, mas prospectivas sobre a Cristologia da Libertação de Jon Sobrino. Uma crítica quando ao método e ao seu princípio hermenêutico a partir das vítimas. Se não for bem compreendido seu “lugar teológico”, corre-se o risco de certo reducionismo. Em primeiro lugar, sobre a “parcialidade” de Deus com os pobres no projeto salvífico, muito embora, com abertura aos “não-pobres” como se viu acima casos como o de Zaqueu e o bom samaritano. E segundo lugar, a Cristologia de Jon Sobrino tendo a Igreja dos pobres como “lugar teológico”, outro risco a se incorrer é o de limitar-se somente a eles e não ver o todo como a Igreja Universal como suas notas características: *una, santa, católica e apostólica*.

---

<sup>1029</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo, op. cit.*, IV capítulo.

<sup>1030</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé, op. cit.*, p. 247ss.

<sup>1031</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática, op. cit.*, p.74ss.